



LITERATURA SEM FRONTEIRAS

LITERATURE WITHOUT BORDERS

RESUMO: A *Scripta alumni* v. 24, n. 2 apresenta o dossiê intitulado *Literatura sem fronteiras*. Para desenvolver esse tema, cinco seções da revista apresentam doze trabalhos, os quais oferecem diferentes perspectivas e abordagens. Neste número, as discussões abrangem: 1) nacionalidades e territórios; 2) relações entre arte e realidade; 3) temporalidades; e 4) literatura, outras áreas e outras linguagens.

Palavras-chave: Literatura. Fronteiras. Ficção. Realidade. História.

ABSTRACT: In this issue, the *Scripta Alumni* journal presents studies that analyze the theme *Literature without borders*. To develop the various aspects of this subject, five sections cover twelve articles, which offer different perspectives and approaches: 1) nationalities and territories; 2) relations between art and reality; 3) temporalities; and 4) literature, other areas and other languages.

Keywords: Literature. Borders. Fiction. Reality. History.

Acesse esta Apresentação pelo QR Code:



A literatura nunca conheceu fronteiras... Experiências, ideologias e universos sempre se misturaram, nessa e em outras artes. Entretanto, algumas áreas tomaram para si a tarefa de pensar sobre as relações e os cruzamentos típicos da narrativa literária, consolidando essas qualidades ainda mais. Isso fica claro quando espiamos as "situações que a Literatura Comparada modernamente contempla: o da

contaminação, o da migração de temas, o da intertextualidade, o da interdisciplinaridade” (MASINA, 1995, p. 845).¹

Territórios e divisas podem até fazer parte da literatura, mas, diante do mundo globalizado, acabam desempenhando um caráter mais reativo do que ativo. Atualmente, não há como sustentar o purismo e o isolamento, afinal o fenômeno que foi anunciado ainda na década de 1990, hoje nos define completamente. Trata-se da glocalidade, que incentiva o aspecto híbrido e os cruzamentos, por definir “um território marcado pelas travessias entre correntes opostas e frequentemente mescladas, com diversas temperaturas, salinidades, cores e sabores. Um território extraterritorial” (CANEVACCI, 1996, p. 25).²

Evidentemente, a marca da diferença continua sendo fundamental para a questão das identidades. Porém, qualquer tipo de bairrismo ou regionalismo não tem recebido ênfase, neste momento. O diretor Jorge Furtado deixou isso muito claro em *Orson Welles e o cinema wisconsinita*, publicado em 2010. O texto apresenta uma lista com os vinte cineastas preferidos do autor e, em um dos itens, lemos: “Orson Welles. Cineasta wisconsinita. Nasceu em Kenosha, Wisconsin, em 6 de maio de 1915, morreu em Hollywood, 10 de outubro de 1985” (FURTADO, 2021).³ Depois que a lista termina, seguem-se duas perguntas e a respectiva resposta: “Qual a importância do estado (província, condado, região) de nascimento destes cineastas? Qual a importância da sede da produção ou das locações de seus filmes? Que eu saiba, nenhuma” (FURTADO, 2021). Sem dúvida, o exemplo dispensa explicações, porque indica de modo bem objetivo o poder e o alcance das artes. Portanto, seja no cinema, na literatura ou em qualquer outro discurso artístico, a meta é sempre criar espaços, fundindo gentes e costumes, em uma única narrativa.

A ideia é borrar as fronteiras e, com sorte, até mesmo apagá-las. Por essa razão, a comparação é inevitável e, mesmo instintivamente, todos os leitores acabam se filiando a certo tipo de literatura comparada,

(...) que afirma a arbitrariedade dos limites e a importância de reconhecimento das zonas intervalares, das fronteiras e das passagens e ultrapassagens. (...). A região deixa de ser um

¹ MASINA, L. Fronteiras do cone sul: limites transcontextuais. *Anais do Congresso brasileiro de literatura comparada*, n. 3, Niterói, 1995, p. 839-846.

² CANEVACCI, M. *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

³ FURTADO, J. *Orson Welles e o cinema wisconsinita*. Disponível em: <https://www.casacinepoa.com.br/o-blog/jorge-furtado/orson-welles-e-o-cinema-de-wisconsin.html>. Acesso em: 14 dez. 2021.

espaço natural, com fronteiras naturais, pois é, antes de tudo, um espaço construído por decisão arbitrária, política, social, econômica, ou de outra ordem qualquer que não, necessariamente, cultural e literária. (BONIATTI, 2000, p.85-86)⁴

A literatura expande horizontes, fazendo com que pensemos sobre novas ideias, analisando nuances e detalhes até então desconhecidos, mas que podem mudar uma vida, uma opinião, um modo de ser... Na arte literária, tudo se junta para poder estar em sintonia ou em conflito: egos, *alter* egos, comportamentos, biografias e tradições. A literatura é, portanto, um tipo de espelho infiel, que distorce, aumenta e diminui, na tentativa de refletir épocas e pessoas, que também são imperfeitas e resultam de um amálgama gigantesco: "(...) o sujeito (...) é mediado nele mesmo por aquilo do que ele se separa: a conexão com todos os sujeitos" (ADORNO, 2009, p. 181).⁵

Por meio da arte literária, aprimoramos questões de fundamental importância —ontem e hoje —, como empatia, alteridade, locais de fala e de escuta, entre outras. Aliás, conforme Buber, esses exercícios mentais são salutares, afinal, para que o homem conheça a si e ao outro,

(...) ele precisa primeiro — partindo de todos os penduricalhos de sua vida — chegar ao seu "eu", ele precisa se encontrar, não o eu evidente do indivíduo egocêntrico, mas o "eu" profundo da pessoa que vive numa relação com o mundo. (BUBER, 2006, p. 34, ênfase no original)⁶

Depois de termos experimentado o isolamento social e tantos outros tipos de restrição impostos pela pandemia de covid-19, a possibilidade de viver outros mundos e outras histórias (ainda que seja apenas na imaginação) nunca representou tanto alento e esperança. Devido a isso, a volta à vida normal deve ser repleta de toques, abraços, ou simples esbarros sem culpa e sem medo. Metaforicamente, existe uma literatura que é **do mundo** e que representa esse desejo de comunhão e unidade... Aliás, isso é anunciado a plenos pulmões, pelo nome que ela recebeu — *Weltliterature*. Na visão de Goethe, esse tipo de arte "traduz o ideal da unificação de todas as literaturas numa só e

⁴ BONIATTI, I. M. B. *Literatura comparada*. Memória e região. Caixas do Sul: EDUCS, 2000.

⁵ ADORNO, T. W. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

⁶ BUBER, M. *O caminho do homem segundo o pensamento chassídico*. São Paulo: Realizações, 2006.

grande síntese, em que cada nação desempenhasse o seu papel num concerto universal” (WELLEK; WARREN, 2003, p. 57).⁷

Por fim, vale lembrar outro tipo de extravasamento que se liga ao tema da **literatura sem fronteiras**. Não importa que seja um clichê. O que importa é que o ato de ler vai continuar sendo sinônimo de vida, de mundos possíveis e de liberdade: “(...) mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo (...)” (TODOROV, 2009, p. 23).⁸

Com base nessas questões, o volume 24, número 2 da revista *Scripta alumni* publica trabalhos que discutem especificamente alguns temas comumente associados à complexa relação que se estabelece entre literatura e fronteiras: 1) nacionalidades e territórios; 2) relações entre arte e realidade; 3) temporalidades; e 4) literatura, outras áreas e outras linguagens. A fim de organizar essa variedade de assuntos, esta edição distribui doze trabalhos em cinco seções:

- *Filosofia, política e literatura.*
- *História, psicanálise e literatura.*
- *Arte / fato.*
- *Literatura e (in)formação.*
- *Questões de (con)texto.*

Na parte intitulada *Filosofia, política e literatura*, são apresentados quatro artigos. Em *A narrativa latino-americana como máquina de romancear a violência de estado: uma análise sobre "O espírito dos meus pais continua a subir na chuva"*, destaca-se a ótica da literatura como arte que se conecta a outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, a narrativa é compreendida como instrumento de reconstrução do passado e conseqüentemente da memória — individual e coletiva. No artigo *O palco social alinhado às características brechtianas em "Six degrees of separation", de John Guare*, a crítica e as denúncias que caracterizam a literatura de Brecht são associadas à sociologia, realçando o apelo desalienante da arte em questão. No trabalho intitulado *A viagem simbólica e filosófica de Cecília Meireles*, analisam-se as crônicas da poeta brasileira, a fim de destacar a

⁷ WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

⁸ TODOROV, T. *A literatura em perigo*. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

simbologia e o misticismo, com base nos pressupostos de Mircea Eliade. O último trabalho dessa seção é *Livros, esses pequenos deuses... – Uma leitura do conto "A biblioteca", de Dulce Maria Cardoso*. Nesse artigo, estabelece-se um diálogo entre Platão e Derrida, por meio do conceito de *phármakon* e com o objetivo de focalizar a escrita como salvadora. Esse é um conceito universal, mas que se atualiza de tempos em tempos. Aliás, recentemente, o estado norte-americano do Kentucky foi devastado por uma série de tornados e, na ocasião, os telejornais fizeram questão de mostrar uma estante com dezenas de livros, intacta, em meio à cidade completamente destruída. Sem dúvida, esse fato inusitado pode ser associado ao poder mágico e benéfico dos livros...

Na segunda parte deste dossiê e sob o título *História, psicanálise e literatura*, estão agrupados dois trabalhos. O primeiro é *Literatura e imagens mentais: uma abordagem tríplice do arquétipo da infância em "O oceano no fim do caminho", de Neil Gaiman*. Esse artigo faz uso da literatura comparada para suprir lacunas por meio da aproximação entre as diferentes áreas. Diante disso, o estudo trata dos arquétipos e das imagens mentais habitualmente encontrados nas narrativas literárias. Analisando uma obra do mesmo escritor debatido no trabalho anterior, o segundo artigo dessa seção intitula-se *A ambivalência materna em "Coraline" de Neil Gaiman (2003)*. Mantém-se o destaque aos arquétipos, entretanto, nesse estudo, privilegia-se a figura materna.

Na seção três, *Arte / fato*, mais dois artigos são apresentados. *Lourenços e "O grifo de Abdera": a paródia de si mesmo*, empresta o conceito de pós-modernismo da teórica canadense Linda Hutcheon para analisar, no livro de Lourenço Mutarelli, os meandros da realidade e da ficção, que envolvem e até desestabilizam o leitor. Em *O fantástico em "A travessia dos sempre vivos" de Tereza Albués: a (re)(des)construção identitária*, também se investigam os aspectos tangenciais da literatura e da realidade, mas isso é feito a partir de questões relacionadas à memória e à identidade.

Reunidos na seção *Literatura e (in)formação*, dois trabalhos dialogam, por darem ênfase às discussões acerca da estética. No artigo *O visível e o invisível: uma leitura especulativa de "Le peintre de la vie moderne"*, tempo e estética são reavaliados sob a perspectiva de Baudelaire, Benjamin, Froidevaux, Jauss e Bohrer. Em *História e estética – O modernismo de "Madame Pommeroy"*, a estética literária é conjugada também à história, mas focalizando de modo específico a *belle époque* paulistana.

Na última seção — *Questões de (con)texto* — um dos artigos, intitulado *Beijos afins: "O primeiro beijo", de Clarice, e "O beijo", de Tchekhov*, baseando-se nos pressupostos da literatura comparada, discute questões de temporalidades e estilos a partir do motivo do beijo.

Fechando este dossiê temático, o trabalho *Morte, luto e natureza em Carlos Drummond de Andrade e Brandy Nālani Mcdougall*, retoma os ensinamentos do líder indígena Ailton Krenak para fazer associações entre a poesia brasileira e a havaiana, à luz da ecocrítica. Aliás, em novembro de 2021, Krenak foi o convidado especial da sessão de encerramento da FLIP — Festa Literária Internacional de Paraty — evento que debateu a natureza, com base no tema “Nhe’éry, plantas e literatura” (FLIP, 2021)⁹.

Encerrada esta *Apresentação*, agora convido vocês, leitores, a passearem por todas as seções da nossa revista, ultrapassando fronteiras e experimentando as inigualáveis surpresas das combinações.

Boa leitura a todos!

Curitiba, 20 de dezembro de 2021.

Verônica Daniel Kobs¹⁰

Editora

⁹ FLIP. *Flip*: 19^a. Festa literária internacional de Paraty. Disponível em: <https://flip.org.br/2021/principal/nheery-plantas-e-literatura/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

¹⁰ Editora da Revista *Scripta alumni*. Professora dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba-PR, Brasil.